

TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE NITERÓI: UMA APOSTA NA CONVERSA

Arina Costa Martins Cardoso¹

Resumo

Este trabalho é uma travessia de pesquisar na diferença. Faz parte de uma pesquisa de mestrado recém-concluída. Um processo cartografado com estudantes surdos, professores e gestores da Escola Municipal Paulo Freire (EMPF) em Niterói, RJ. Uma *pesquisaescrita* que problematiza a surdez enquanto uma experiência visual e cultural. No processo de pesquisar, emerge no campo a necessidade de compreender o processo de educação de surdos em percurso na escola. É feita a escolha de apostar na conversa entrelaçada ao método cartográfico. A conversa como uma forma de produção de conhecimento e as narrativas como forma de registro de memória. Assim, segue-se conversando com os sujeitos da escola e também com autores e documentos a fim de dar a ver e falar as vozes desse lugar e os processos pelos quais a proposta de educação de surdos passaram nos últimos quinze anos na EMPF e no município de Niterói. As conversas trazidas aqui são registradas sob forma de narrativas.

Palavras-chave: Surdez. Diferença. Cartografia. Conversa.

TRAYECTORIA DE LA EDUCACIÓN DE SORDOS EN UNA ESCUELA PÚBLICA DE NITERÓI: UNA APUESTA POR LA CONVERSACIÓN

Resúmen

Este trabajo es una travesía de investigar en la diferencia. Forma parte de una investigación de maestría recién concluida. Un proceso cartografiado con estudiantes sordos, profesores y gestores de la Escuela Municipal Paulo Freire (EMPF) en Niterói, Rio de Janeiro. Una *investigaciónescritura* que problematiza la sordez como una experiencia visual y cultural. En el proceso de investigar, emerge en el campo la necesidad de comprender el proceso de educación de sordos en trayectoria en la escuela. Realizamos la elección de apostar por la conversación entrelazada al método cartográfico. La conversación como una forma de producción de conocimiento y las narrativas como forma de registro de memoria. Así, se continúa conversando con los sujetos de la escuela y también con autores y documentos a fin de mostrar las voces de este lugar y los procesos por los que la propuesta de educación de sordos pasó en los últimos quince años en la EMPF y en el municipio de Niterói. Las conversaciones traídas aquí son registradas bajo forma de narrativas.

Palabras clave: Sordera. Diferencia. Cartografía. Conversación.

¹ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais da UERJ-FFP. Pós-graduada (lato sensu) em Libras (Língua Brasileira de Sinais). Participante do Grupo de Pesquisa Coletivo, Diferenças e Alteridades na Educação (UERJ-FFP) e do NUEDIS-CNPq (Núcleo de Estudos em Diversidade e Inclusão de Surdos) na UFF. Professora de Educação Infantil na rede municipal de Niterói.

Trajectory of education of deaf students in a public school in niterói: a bet on conversation.

Abstract

This article is a journey of researching on difference. It is part of a recent master's degree research. A mapping process (cartography) with deaf students, teachers and managers of the Paulo Freire Municipal School (Escola Municipal Paulo Freire-EMPF) in Niterói, RJ. It problematizes deafness as a visual and cultural experience. In the process of researching, the need to understand the process of education of the deaf while in school emerges. This paper is the result of conversation intertwined with the cartographic method. Conversation as a method of producing knowledge and narratives as a way of recording memory. Thus, the dialogue continues with the school members and also with authors and documents in order to give these people a voice and bring to a wider public the processes by which the proposal of education of the deaf passed in the last fifteen years at EMPF and in the municipality of Niterói. Some of these recorded conversations are brought in the form of narratives.

Keywords: *Deafness. Difference. Cartography. Conversation.*

Introdução

Este trabalho é uma travessia de pesquisar na diferença. É parte de uma pesquisa de mestrado recém-concluída. Um processo cartografado com estudantes surdos, professores e gestores da Escola Municipal Paulo Freire (EMPF) em Niterói, RJ ao tecermos uma pesquisa-escrita que problematiza a surdez enquanto uma experiência visual e cultural, fora do plano da deficiência. Compreendemos a surdez como uma experiência visual entendida fora do campo da medicalização e os surdos como um grupo múltiplo e multifacetado.

Uma *pesquisaescrita* produzida como um exercício cartográfico. Entendemos a escrita e a pesquisa como processos imbricados, que se produzem enquanto campo de pesquisa. Compreendendo “o caminho da pesquisa cartográfica [como] constituído de passos que se sucedem sem se separar.” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 59).

Este exercício cartográfico me permite encontrar e conversar com diferentes interlocutores. Estes interlocutores compõem aqui os movimentos que forçam o pensamento a pensar (DELEUZE, 1992) em teorias, coisas, elementos, palavras, pessoas... que impelem a produzir pensamento. No sentido que dá Deleuze (1992) aos intercessores, são estes interlocutores que põem o pensamento em deslocamento, criação, em movimento. A partir destes é que se criam problemas. Esses interlocutores podem ser pessoas, objetos, plantas, animais. Sem eles “não há obra”, pois, conforme Deleuze, “tudo acontece por dom ou captura” (ibid. p. 156). Nessa caminhada, os interlocutores que me

acompanham possuem muitas formas e expressões. São meus alunos, textos de autores do campo de estudo, companheiras do "Coletivo Diferenças e Alteridades na Educação"², pessoas que me atravessam a vida, músicas, coisas, coreografias, figuras, fotos, recortes, desenhos...



A Escola Municipal Paulo Freire (EMPF) apresentou-se como território possível para a produção desta *pesquisaescrita* que problematiza a educação de surdos, pois era a escola de um município próximo com classes bilíngues, duas turmas em 2017 e cinco turmas em 2018 (as turmas de 1º ciclo que havia na Escola Municipal Júlia Cortinez foram transferidas em 2018 para a EMPF). Além disso, nos era acessível. Já habitava aquele espaço uma colega do nosso Coletivo Diferença e Alteridade o que ajudou em nossa entrada. A escola mostrou-se disposta a receber o projeto. Procurei o Núcleo de Estágios (NEST) da Fundação Municipal de Educação (FME) dando entrada nos documentos necessários.

Entramos na Escola Municipal Paulo Freire pelo meio. Em meio a um projeto de educação de surdos em transcurso. Chegamos com um desejo de pesquisa, com a sugestão de produção de oficinas de animação como proposta para a educação visual de surdos. Mas havia um projeto em transcurso... Não era possível ignorar. Era necessário habitar esse projeto também e ser atravessada por ele. Que projeto era esse? Que escola era essa? Qual seu contexto? Sua história? Como poderia de algum modo produzir algo que fosse relevante para a educação que estava sendo tecida naquele espaço? De que modo poderia contribuir nas reflexões sobre a educação dos estudantes surdos dessa escola? De que forma esse projeto poderia contribuir em minhas reflexões sobre educação de surdos? O que se pensava nesse espaço sobre a educação dos surdos que ali estudavam?

Na tentativa de habitar a escola Paulo Freire, compreender sua trajetória na educação de surdos, estudar sua história, pensei que poderia fazê-lo com livros e

² Coletivo “Diferenças e Alteridade na Educação”, é um coletivo criado em 2011 que, atualmente, reúne professores da escola básica, professores e estudantes da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, gestores das redes públicas de ensino e famílias – principalmente mães – de alunos ditos “pessoas com deficiências”. Nesta rede problematizamos a produção da normalidade como política presente no campo da pedagogia e que ainda contribui para a exclusão e massacre de pessoas que se afastam da norma criada como vetor de padronização.

documentos. A EMPF é uma escola jovem, nascida em 2004. Logo de início senti muita dificuldade de encontrar material escrito com informações sobre a história e trajetória da escola.

Reverberava em mim que eu poderia habitar esse espaço de várias formas, poderia me permitir ser afetada pela trajetória de luta e trabalho pedagógico desse lugar através de textos e documentos sim, mas ao caminhar e encontrar pessoas algo começou a me incomodar: poderia fazê-lo também com vozes e sinais, com as vozes e sinais desse lugar. Nesse lugar, habitam pessoas que são fontes vivas da história dessa jovem escola, com apenas quinze anos. Meu movimento em 2017 e 2018, então, para me aproximar do lugar que começo a habitar e que muito me afetou, foi o de buscar ouvir essas vozes, me permitir ser atravessada por elas, dar lugar às falas e registrar suas impressões através de conversas.

Fizemos uma escolha pela conversa. Tecemos conversas, nos distanciando, desde o início, da perspectiva que para nós parecia distante da entrevista. Ainda que assumindo o risco, por vezes angustiante, da imprevisibilidade e ainda que em algum momento desses encontros de conversa trazer também um ou outro elemento mais direcionado a fim de buscar determinadas informações relevantes no processo de *pesquisarescrever*.

Nosso movimento foi o de tentar produzir trocas na diferença, na relação com um outro que é outro, na busca de compreender esse lugar do outro, que permanece sempre outro.

Uma conversa não tem a ver com o às vezes indigno “colocar-se no lugar do outro”. Esse é o lugar do outro. O que a conversa habilita é a tentar narrar esse lugar, torna-lo mais profundo, quiçá mais transparente. E seguirá sendo, sempre, “o lugar do outro”. (SKLIAR, 2018, p. 13)



Habitando a escola Paulo Freire se fazem encontros e, nos encontros, toques e afetos e palavras. Skliar (2011) generosamente, nos ajuda a pensar esses encontros...

Encontros com desconhecidos, com o outro.

É possível conversar com desconhecidos?

A conversa como um movimento de, ainda que se tratando de um outro próximo, fazê-lo desconhecido, num compasso de estranhar para que se possa então conversar...

Não fazer do outro um conhecido para dele se apropriar, dominar, sentir-se satisfeito e confortável com seu conhecimento... mas permiti-lo continuar desconhecido e no movimento da conversa permitir o conflito, a tensão, os afetos.

Conversar...

Não dominar o outro com o conhecimento, mas mantê-lo como desconhecido, como outro, como um.

A conversa não se produz como harmonia de vozes e tons, concordâncias e solenidades, mas como uma tensão. Uma tensão constante entre formas de pensar e dizer, de pensar-se e de dizer-se com suas afirmativas, negativas, incompreensões, desentendimentos, fluidez e rupturas, sincronismos e anacronismos... Conversamos e, diante do outro, que é singular e que não ambicionamos torná-lo nós mesmos “não podemos fazer outra coisa senão seguir conversando” (SKLIAR, 2011, p.29).

Assim, na escola Paulo Freire, na habitação desse território, me encontro com desconhecidos em movimentos de conversas. No local da escola, conversas agendadas ou acontecidas de momento e oportunidade. Conversas que se compassam em paradas e movimentos. Muitas vezes, no momento em que converso sobre algo com alguém, uma criança chora, um sinal toca, alguém chama meu interlocutor, este levanta pega um documento, entrega, voltamos a conversar, uma porta bate, alguém entra, senta e também entra na conversa, novas tensões se fazem e a conversação se produz...

Nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer... (LARROSA, 2003, p. 212).

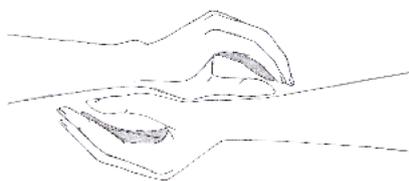
Pela própria natureza do exercício tenho escutado bastante, exercitando minha curiosidade e estranhamento, mas como em uma conversa, também estou presente, mas distante do movimento de antemão dispor de perguntas pré-formuladas. A propósito, geralmente, ensaio o começo, um “bom dia”, uma abordagem inicial, mas sem muitos acessórios e direcionamentos. Quero ouvir o que as pessoas desse lugar têm a dizer sobre sua história e suas experiências nesse lugar. Ouço muitas partes dessas experiências, às vezes, como numa boa conversa, nos desviamos para algum outro lado, depois retornamos, nem sempre do mesmo jeito. Concordamos, discordamos, pergunto, recebo perguntas, a conversa se anima, acalma, flui e uma hora precisa se interromper ou, como em uma escola em constante movimento, é interrompida,

o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo... e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... e isso é o que a faz interessante [...] uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa. (LARROSA, 2003, p.212- 213).

Nesta *pesquisaescrita*, esses encontros, essas conversas ficaram registrados sob forma de microrrelatos, ou, ao menos, partes delas, pois são muitas e múltiplas as conversas e questões tratadas e não há espaço suficiente para tratar de todas.

A partir desses encontros, arrisquei dar às conversas uma composição outra, não as transcrevo literalmente, mas com elas componho uma outra escrita, em forma de narrativa. Dou a elas um formato que julgo caber melhor no modo como conduzimos essa *escritapesquisa*, compondo o que podemos chamar de microcontos ou microrrelatos, dando fluidez às questões que pesquisamos e uma forma outra às conversas compassadas. Em geral, colocamos em cena como narrador aqueles que se doaram comigo nessas conversas. São os meus interlocutores que narram e são eles mesmos que apresentam a Escola Municipal Paulo Freire na narrativa de suas experiências.

Assim destaco a seguir algumas dessas conversas que me impulsionaram durante a pesquisa a pensar o projeto desse lugar, suas práticas e minha própria trajetória investigativa.



Encontros

Certa manhã, desço, mais uma vez, para o recreio com a turma, encontro no pátio a professora Sara e me aproximo, como habitualmente, para dar um 'Oi'. Percebo que Sara está cercada de adolescentes, estudantes surdos, ouvintes e um com cegueira que estava interessado em aprender Libras e, aparentemente, em conhecer adolescentes surdas também. Sara está ensinando Libras pra ele através do tato e apresenta-o a duas meninas surdas que ali estavam. Entre risos e um pouco de timidez ele é 'batizado'³, uma das meninas dá a ele um sinal que tem a

³ Nas interações entre os surdos e surdos e pessoas não surdas cada indivíduo é identificado, para além de seu nome em português com um sinal, que recebe como um 'batismo', sempre de outra pessoa surda. Esse sinal geralmente tem a ver com a característica de uma pessoa e pode ou não estar relacionado ao seu nome em português.

ver com a letra inicial de seu nome e o boné que ele sempre usa, Sara explica que esse sinal é como o nome dele só que em Libras... O trio arrisca conversar um pouco, Sara explica às meninas que para ele compreender o que elas dizem é necessário fazer os sinais nas mãos dele. O toque das mãos gera ainda mais risos entre eles.... Mas eles iniciam uma conversa... e seguem conversando...

(Microrrelato de pesquisa, 25 de maio de 2017)



Nos encontros semanais, durante cinco meses me encontrei sem planos predefinidos – não sem que isso produzisse tensões também em mim, mas decidi arriscar – sem a priori ou conclusões... encontrando e conversando.

Particpei da rotina na classe bilíngue, atividades diárias, observando, fazendo, recortando, colando, passeando, transitando... Conversando com pessoas... surdos, professores, coordenações, funcionários, pais e até ‘empacotadoras’ em um supermercado próximo, que descobri que eram surdas e tinham um carinho especial pela escola... além disso, participava dos momentos de recreio... esses momentos me fascinavam em especial.

Chegar sem programas a serem executados, para mim, representava um exercício outro.... Um exercício de cartografar.

Uma dança ainda não composta, uma coreografia livre, não ensaiada, com tempos ainda não definidos, mas em devir...

Exercitava minha atenção nos momentos livres, minha disponibilidade ao encontro, em especial nos recreios e pude vivenciar alguns momentos potentes como o narrado que me afetaram ricamente. “Isto porque a conversa implica disponibilidade, escuta e entrega. Não há conversa se duas pessoas não se fazem disponíveis, não se entregam, não se escutam.” (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 164- 165).



Início de um projeto outro...

Sou Telma Regina, professora da EM Paulo Freire desde de 2010, comecei nas classes bilíngues de 1º e 2º ciclo, hoje atuo na sala de Recursos.

Particularmente levanto muito a bandeira da educação de surdos, de uma educação bilíngue para surdos... sou mãe de uma pessoa surda. Desde o início foi isso que me moveu a trabalhar com surdos. Eu queria descobrir o que estava nos 'bastidores'. No início, quando comecei a trabalhar com surdos, pensava em conhecer o que estava por trás, como se produz a prática da educação de surdos em uma tentativa de ver o que eu poderia aproveitar para minha filha. Eu não pensava em trabalhar tanto tempo com os surdos. A bem da verdade, meu pensamento estava em refletir sobre o que eu poderia fazer para ajudar minha filha cada vez mais em seu crescimento.

Na época em que conheci a APADA⁴ eu já era professora. Cheguei à APADA através da sugestão do médico da minha filha. Fui até lá. Fiquei curiosa e, pouco depois, pedi que pudesse fazer um estágio. Com a saída de uma das professoras surgiu a oportunidade de integrar a equipe efetivamente. Entrei em fevereiro de 1992 e acabou que por lá eu fiquei durante 20 anos. Minha experiência na APADA foi fundamental na minha formação, cresci muito enquanto profissional e enquanto pessoa ali dentro. A partir do momento em que me vi como profissional, aí a luta não era mais apenas pela minha filha, mas também pelas outras crianças surdas que chegavam até mim.

No início do projeto de educação de surdos no município... embora ainda não fosse professora da rede de Niterói, pude participar desde o início do projeto das classes bilíngues na rede municipal de Niterói. Até o início dos anos 2000 o município não tinha nenhuma política de educação voltada os para surdos. Eu trabalhei durante vinte anos na APADA. Durante o que, nós, professores da associação, chamamos de época de ouro, pois tínhamos os alunos surdos até a 4ª série conosco.

Mas essa realidade mudou. Era assim até o fomento das políticas nacionais de inclusão, no início dos anos 2000 e a pressão nacional que esse movimento gerou sobre as instituições especializadas em todo país. A APADA é uma instituição filantrópica que nesse momento começou a passar por dificuldades financeiras sem os repasses do governo. Os convênios começaram a não ser mais renovados. Tendo ficado difícil manter a escola. Nós, professores, pais, colaboradores, fomos para as ruas, brigamos, fizemos várias manifestações e tentamos diferentes convênios. Conseguimos um. Apenas com a prefeitura de Niterói no programa "Criança da Creche"⁵, mas como o nome diz, o projeto era apenas para as creches, a partir de então poderíamos atender somente as crianças de zero a cinco anos e onze meses.

Nesse momento, tínhamos uma professora da equipe que acabava de ingressar na

⁴ Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição (APADA-NITERÓI), uma instituição especializada que atua desde 1969 junto aos surdos, deficientes auditivos e seus familiares.

⁵ Um projeto voltado para "entidades mantenedoras regularmente constituídas, sem fins lucrativos, que mantenham creches comunitárias no Município de Niterói e que estejam interessadas em firmar convênio com a FME para atendimento de crianças de zero a cinco anos e onze meses, na Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica" (Edital Nº 005/2013 de chamamento público para o programa "Criança na Creche").

rede de Niterói como concursada, a professora Rosana Prado. Na rede ela começou a problematizar e a ajudar a pensar a educação desses alunos surdos. Para onde nossas crianças surdas iriam depois de saírem da creche da APADA? Em 2003, 20 crianças se formaram na Ed Infantil da APADA e sem o Ensino Fundamental na própria unidade elas não tinham pra onde ir. Então a equipe administrativa da APADA, da qual a Rosana também fazia parte, procurou a FME e após discussões foi pensada, junto com a equipe de Educação Especial da FME, uma estratégia que pudesse viabilizar a saída das crianças da APADA direto para o Ensino Fundamental no município de Niterói. A partir desse movimento, foi criado o primeiro ‘Projeto de Educação Bilíngue/bicultural para alunos surdos no Município de Niterói’.

E é justamente nesse momento, em 2004, que a rede inaugurava algumas escolas novas, entre elas a Escola Municipal Paulo Freire. A Escola Paulo Freire então, nesse mesmo ano, recebeu 20 crianças surdas, dando início, assim, às primeiras classes bilíngues do município. A professora Rosana Prado que já tinha experiência na Educação de surdos na APADA foi direcionada de pronto para integrar a equipe de professores da EM Paulo Freire.

Com um número grande de alunos surdos saindo da Ed. infantil e uma professora bilíngue esse foi o pontapé inicial, era o que faltava para se pensar e estruturar o projeto das classes bilíngues em Niterói.

Professora Telma Regina Gonçalves de Oliveira
Atualmente professora da Sala de Recursos na EM Paulo Freire
(Microrrelato de Pesquisa: narrativas de conversas, 19 de setembro de 2017)



No início dos anos 2000 a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição (APADA-NITERÓI) passava por sérias dificuldades financeiras devido à não renovação de contratos com o governo federal. Sem a entrada das verbas necessárias não havia mais como manter o atendimento especializado dos alunos, a escola até a 4ª série e os profissionais que lá trabalhavam (MEIRELES, 2010). Após o convênio com a prefeitura de Niterói, a APADA consegue manter o atendimento para as crianças em idade de educação infantil.

Como trazemos no microrrelato anterior, após a conclusão da educação infantil esses alunos surdos atendidos não tinham para onde ir. Não existia na rede qualquer projeto voltado ao atendimento de surdos em Niterói, até então, quando a professora Rosana Prado e a equipe administrativa da APADA procuraram a Coordenação de Educação Especial (MEIRELES, 2010). Foi produzido um documento que orientava, no início, a educação de surdos em Niterói em uma perspectiva bilíngue-bicultural visando à inclusão desses alunos em uma escola regular, o “Projeto de Educação

Bilíngue/bicultural para alunos surdos no Município de Niterói”. No município algumas escolas estavam sendo inauguradas. Entre elas a E.M. Paulo Freire, que foi escolhida, justamente por ser uma escola nova, que ainda haveria de se estruturar em sua organização na gestão administrativa e pedagógica. Um campo fértil para o início de um projeto outro e ainda novo na rede: a Inclusão. A escola Paulo Freire

Desde sua idealização era considerada com grandes perspectivas e receptividade para uma educação inclusiva de qualidade. O tamanho, as instalações físicas, a localização e a presença de alguns profissionais [com experiência e/ou formação na área da especial/inclusiva] também foram fatores determinantes na escolha dessa escola para receber e abraçar o desafio de uma educação inclusiva de qualidade para alunos surdos. (MEIRELES, 2010, p. 97)

Uma trajetória que foi narrada também por Nelma Pintor, Coordenadora de Educação Especial do Município de Niterói, à época, em entrevista à Rosana Prado:

Coincidentemente, no ano que esse movimento aconteceu, a Secretaria de Educação estava ampliando o número de suas unidades escolares e, naquela época, estava sendo feita aquisição do prédio onde funciona hoje a Escola Municipal Paulo Freire. Era um prédio grande e hoje é a escola da Rede Municipal de Niterói que tem maior número de alunos com deficiência incluídos nas salas de aula. Então, nessa escola, havia a facilidade do espaço físico onde acolher as crianças. Assim, foi escolhida, justamente, a Paulo Freire. Quais as outras providências que tomamos? Conseguimos resgatar professores que já eram da Rede Municipal de Educação de Niterói, que trabalhavam em outras unidades, não atendendo crianças com deficiência, mas tinham a formação específica. Então, nós deslocamos esses professores de outras unidades para as turmas na Paulo Freire e assim demos início ao Projeto de Educação Bilíngue para surdos. Paralelamente, vimos a necessidade de estar contratando intérprete e instrutores de LIBRAS para dar subsídios à ação pedagógica com aqueles alunos junto aos professores bilíngues.” (MEIRELES, 2010, p. 94)

Assim em 06 de janeiro de 2004, A Escola Municipal Paulo Freire foi criada pelo Decreto n.º 9180/2004, publicado no Diário Oficial de 07/01/2004. Mas não pôde ser inaugurada nessa mesma data, pois passava ainda por obras. Tendo sido inaugurada posteriormente em 31 de março de 2004 na Rua Soares de Miranda, n.º 77, no Bairro Fonseca, em Niterói-RJ.

A escola fica localizada em um bairro da zona norte da cidade de Niterói, cidade da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, em um entorno de muitas comunidades empobrecidas, negligenciadas pela segurança e poder público.



Uma língua para conversar

Essa semana é o aniversário de Laura, a professora Wandréia marcou com eles uma ida ao cinema no feriado...

Interessante fazer encontros fora do ambiente escolar com pares surdos, eles são adolescentes, gostam de sair, e, alguns, já começam a gozar de certa autonomia pra ir a alguns lugares. Nos momentos de intervalo, observo como eles gostam de andar e se relacionar com os surdos ‘mais velhos’, das turmas maiores, parecem admirá-los...

No pátio, sento com alguns pra conversar e durante a conversa faço algumas perguntas...

- Alguém na família de vocês é surdo também?

- Não.

(Todos os alunos surdos do 5º ano bilíngue são filhos de pais ouvintes)

- Hum... então tem algum lugar que vocês saem e encontram seus amigos surdos?

(Alguns estranham essa pergunta)

Continuo...

- Conhecem outros surdos fora da escola?

- Não.

- Vocês têm muitos amigos surdos aqui na escola?

- Sim... Tem a Laís, a Vanessa, o Paulo, que são nossos amigos...

- Alguém de vocês sai pra passear com os colegas surdos da escola?

- Não.

- Então onde vocês encontram esses colegas?

- Na escola.

- Só na escola?

- Sim. Respondem...

Luma revirando os olhos – enfadada com algo que lhe parecia óbvio – dá de ombros, vira as costas e sai andando.

(Microrrelato de Pesquisa: narrativas de conversas, maio de 2017)



Como a maioria das famílias de pessoas surdas em nosso país, os surdos do 5º ano das classes bilíngues na escola Paulo Freire em 2017 e 2018 eram filhos de pais ouvintes e tinham como espaço de convivência com pares surdos quase exclusivamente a escola. Muito só aprenderam Libras após ingressarem o ambiente escolar. Seus pais, em especial, mães começam a aprender a Libras também na escola, através do contato dos filhos e também com os professores.

Fico pensando no movimento que começo arriscar: o da conversa. Essa escola

para eles se torna palco fundante e impulsionador do ato de conversar... Muitos iniciam suas primeiras conversas em Libras nesse lugar e produzem outras conversas em Libras a partir e através desse mesmo lugar ao encontrar-se com outro, ao encontrar-se com uma língua que lhes possibilita a conversa...

A potência desses encontros...

É o encontro surdo-surdo que proporciona a produção da subjetividade e os modos de ser surdo fundados na diferença e alteridade surda: “a transição da identidade ocorre no encontro com o semelhante, em que se organizam novos ambientes discursivos” (SKLIAR, 1999, p. 11). A escola, então ganha um papel importante nesse processo, ao proporcionar o encontro surdo-surdo. Encontro este que a maioria dos surdos, filhos de ouvintes, não tem ou vai buscar mais tarde, já na adolescência e vida adulta, em um momento da vida em que os prejuízos em sua linguagem podem ser irreversíveis.



E.M. Paulo Freire: em cena

No início, em 2004, nossa escola atendia alunos da Educação Infantil ao 9º ano. Não era diretora nessa época ainda, só sou eleita diretora da em 2011, mas conheço nossa história e temos alguns registros.

Iniciamos o trabalho nas classes bilíngues com 20 alunos, divididos em duas turmas com 10 alunos surdos em cada. A partir dessas turmas e com o início do projeto de educação bilíngue da rede (Projeto de Educação Bilíngue/bicultural para alunos surdos no Município de Niterói) a escola começou a ser vista pela comunidade do entorno e também por pais de outros lugares como uma referência no trabalho com surdos. Assim, começamos a atender muitos surdos nos anos que se seguiram. Esses alunos começaram a vir de muitos lugares de Niterói e até de cidades vizinhas, chegamos a ter mais de 60 alunos surdos estudando ao mesmo tempo, distribuídos nos 1º e 2º Segmentos.

Temos hoje um espaço, que chamamos de espaço bilíngue, onde funcionam as salas das duas classes bilíngues que temos na escola esse ano. Uma turma de 4ºano com 09 alunos e outra de 5º ano com 11 alunos surdos, sendo que há, entre esses, seis alunos com outras deficiências também. Nessas turmas há um professor regente bilíngue, um professor surdo e professores de apoio (dois no 5º ano). Há também a previsão de um intérprete para auxiliar nas aulas de Artes e Educação Física. No momento estamos com carência desse profissional, mas parte dos professores dessas disciplinas sabe Libras e os coordenadores apoiam quando necessário, também conhecem um pouco de Libras...

Somos uma escola grande, vertical, com cinco andares vivendo a experiência de

termos essa estrutura. Muitas escadas, um elevador pequeno e com muitos alunos com deficiências, inclusive, muitos cadeirantes. Na entrada você consegue observar, a quantidade de carros da prefeitura de transporte adaptado que chega aqui e a quantidade de alunos, cada um de seu jeito, aos seus modos, modos de vestir, falar, ver, se movimentar, interagir... aglomerados no pátio até a hora de subir. São muitas as diferenças presentes em nossa escola.

Nós atendemos crianças do 1º ao 9º ano: 3º e 4º ciclos de manhã e a classe bilíngue de 5º ano, as turmas menores de 1º e 2º ciclo atendemos à tarde.

A escolha de ter a classe bilíngue do 5º ano (2º ciclo) de manhã foi para que eles tivessem um contato com os surdos das outras turmas e para ajudar nessa transição, do quinto ano para o sexto, que é difícil pra todas as crianças, pra eles ainda mais pela questão da língua. No sexto ano, além de serem muitos os professores, não temos um professor bilíngue, os alunos são acompanhados por um intérprete. No contato com os alunos mais velhos eles crescem muito, em especial em relação à língua.

Temos, hoje (em 2017), 842 alunos nos dois turnos em que a escola funciona (manhã e tarde), desses, 38 são surdos. Incluindo os surdos temos 100 alunos com necessidades educacionais especiais (NEES) na escola. Ou seja, praticamente 12% dos alunos da nossa escola possuem alguma deficiência, desses, 38% são surdos.

Uma escola que começa em 2004 como um projeto de Inclusão e que se mantém até hoje, na mesma linha. Ao longo de nossa história e caminhada muitos são os estudos e pesquisas que vêm sendo desenvolvidos em nosso espaço sobre a experiência da inclusão aqui vivida, em especial, sobre o trabalho desenvolvido com surdos.

Professora Líbia da Silva Soares Busquet
Atualmente Diretora Geral na E.M. Paulo Freire
(Microrrelato de Pesquisa: narrativas de conversas, 23 de junho de 2017)



A conversa narrada acima aconteceu em vários encontros e, no meio dela, entraram também outras, narradas em outros momentos. Em um desses encontros nossa conversa também comportou uma parte dirigida a fim de registrar alguns dados quantitativos sobre o público atendido no ano de 2017 pela escola. Uma escola que vive a diferença de modo latente em seu dia a dia. São muitas as formas de existir a habitarem esse mesmo lugar, são muitas as trocas, os conflitos, os atritos proporcionados pelo encontro com o outro, como outro.

Em 2017, ano em que inicio a *pesquisaescrita*, havia duas classes bilíngues, uma pela manhã e outra à tarde (em 2018 esse número era de cinco). Visitei ambas as turmas

e conversei com os professores sobre a possibilidade da pesquisa. Devido a minha disponibilidade de tempo, características do grupo e receptividade dos professores, escolhi fazer a pesquisa na turma bilíngue do 1º turno. No entanto, a pesquisa foi desenvolvida também em 2018. Em 2018 prossegui com a pesquisa no mesmo ano de escolaridade, 5º ano, e com a mesma professora regente bilíngue (os professores de apoio e professor surdo eram outros em 2018).

A presença dos sujeitos na *pesquisaescrita* é marcada por escolhas narrativas. Faço a opção de não revelar os nomes reais dos alunos, dou a seus nomes outros contornos. Para os adultos, escolho narrar com seus nomes reais. Participaram desta *pesquisaescrita* 19 estudantes surdos e 13 adultos. Algumas pessoas entraram na narrativa da pesquisa tempos depois da conversa acontecida. Às vezes, conversas marcadas, outras acontecidas na caminhada e depois problematizadas.



Lugar de diferença...

Nossa escola é muito movimentada. Uma escola grande, vertical, com muitos alunos com deficiência das mais variadas e raras. Um lugar em que circulam muitos professores de apoio, cadeiras de rodas das mais diversas, alunos cegos, surdos, surdocegos, com deficiência intelectual, alunos sem deficiência, alunos pequenos e os já adultos... todos juntos. Quem chega aqui, no início, se espanta. Alguns professores levam tempo para se acostumar e entender o ritmo da escola. Mas quem pegou o começo da escola e está aqui até hoje, não vê nenhum desespero. Porque começar a escola, ah... isso sim foi difícil... foi muito mais difícil do que qualquer coisa que se possa imaginar! Começamos uma escola enorme com mais de 1000 alunos, mas ainda sem identidade formada, que começou como um projeto piloto recebendo alunos com todas as realidades que se possa imaginar, ainda com pouca estrutura: física e de pessoal. Desde sua inauguração, em 31 de março de 2004, a característica da escola era ser uma escola onde se iniciaria o projeto das classes bilíngues e de ser uma escola inclusiva, questões novas em nossa rede, na época.

O projeto da Fundação, à época, era que nossa escola se tornasse de alguma forma referência na rede, uma referência de atendimento a todos os alunos, uma referência em Inclusão.

Recebemos os alunos com suas diferenças... Somos uma escola que recebe um público grande em suas diferenças: socioeconômicas, educacionais, geográficas, alunos com deficiências várias...

A presença afirmativa da diferença desde o início favoreceu as relações... Tanto que o que se observa em outras escolas, por exemplo, nos casos de bullying com relação à deficiência, aqui nós não temos, ou ao menos, são muito poucos o número desses acontecimentos... Em nossa movimentada escola, nossos alunos aprendem a conviver e a respeitar as diferenças, estão em contato com a diferença desde o início, desde o portão de entrada...

Professor Fábio Paraíso

Atualmente, atua como coordenador de turno na EM Paulo Freire
(Microrrelato de Pesquisa: narrativas de conversas, 21 de setembro de 2017)



¿Hay lugar aún para una educación dirigida a sujetos
concretos, no abstractos, ni universales?

SKLIAR, 2017, p.87

Que lugar é esse? Um lugar harmônico, feliz?... de andar, de falar, de viver em concordância e harmonia entre pessoas que vivem juntas? Escola, inclusão, experiência inclusiva: lugar de convivência...

O lugar de *estar juntos*, em que pessoas estão presentes, todas as pessoas e qualquer uma... Um lugar de *encontros*, de *conversa*, não é um lugar equilibrado, harmônico e perfeito. É o lugar do conflito, da tensão, dos desencontros, da diferença, da alteridade... de manter desconhecido para se poder conversar... (SKLIAR, 2010, 2011b) de respeitar a diferença, não por que um concede e permite a diferença, mas... simplesmente diferença.

Sim, Escola

[...] ese acercamiento, esa cercanía a la inclusión educativa y a la convivencia habla por sí misma de una proximidad determinada por la escena educativa en sí? ¿No es en esa escena, justamente, donde se producen los encuentros y los desencuentros, los conflictos y las pasiones, las incógnitas, la afectividad, y la desidia, el cuidado y la falta de cuidado al outro? ¿No es allí mismo donde se percibe la singularidad, la alteridad, la diferencia, la diversidad y la multiplicidad de los aprendizajes, la necesidad de una relación determinada por el “entre nosotros”, la hospitalidad y la hostilidad, el lugar mismo donde ocurre eso que llamamos de “saber” y de “experiencia” educativa? (SKLIAR, 2017, p.81-82).

A escola, hoje, em especial a pública, tem sido um dos lugares em que mais se permite encontros com esses tantos desconhecidos, com todos, com qualquer um – muitos ainda estão fora dela... verdade. Mas muitas camadas historicamente excluídas têm tido entrada, em especial, nesse espaço nos últimos tempos. Entrar nem sempre é *estar juntos*, nem sempre é *conversa*, conflito, respeito, lugar de conviver...

Mas esse espaço, a escola, torna-se, também, um pouco daquilo que fazemos dela...

Uma conversa (sem fim)

No processo de *pesquisarescrever* escolhas necessitam ser feitas. Fazemos escolhas, e nesse processo as escolhas mostram nossas concepções, ideias e compromissos. Escolhemos a conversa como uma aposta ética, estética e política que está de acordo com nossas concepções epistemológicas de cartografar nossas *pesquisasescritas*, de produzir conhecimento tecido em rede, rizomaticamente no encontro, na troca, na fricção (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

Pulsava em nós o movimento da chegada, a chegada no campo... Tínhamos um projeto estruturado que trazia oficinas de animação em seu bojo. Mas nesse início, desde o início, fazemos uma escolha crucial: dar a ver os encontros, os mínimos, os gestos... dar a ver o que vai dar quando de modo implicado e responsável nos colocamos disponíveis no campo com a escuta atenta a fim de produzir com os sujeitos do lugar habitado uma pesquisa que lhes toque o viver.

Iniciamos a caminhada da pesquisa apenas (talvez) chegando, arriscando esquecer um pouco o desejo do projeto... Sentindo o campo... num esforço de exercitar a atenção, buscando explorar o território por “olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 61)... Sem tantos a priori.

...Um começo pelo meio...

Sem respostas a priori nem hipóteses a serem testadas, mas em um movimento atento ao território (KASTRUP, 2009), num exercício de estranhamento, "é preciso estar disponível para a exposição da novidade (...) o estranhamento não está dado, é algo que se atinge, é um *processo* do trabalho de campo" (CAIAFA, 2007, *apud* BARROS; KASTRUP, 2009, p. 56- 57, *itálico no original*).

O movimento de conversar na *pesquisaescrita* nos permitiram habitar, afetar e sermos afetados por este espaço, bem como nos permitiram registrar essas memórias dando a ver as histórias desse lugar através das narrativas de quem o habita. A partir das conversas buscamos também outros interlocutores produzindo outras conversas ao tencioná-las também com documentos, textos, autores, objetos e afetos. Assim, de outros modos, pudemos apresentar o projeto de educação bilíngue deste lugar que possui uma história de educação de surdos que se confunde com a trajetória de seu próprio município, pois é a escola que desde o início concentrou a maior parte do trabalho com classes

bilíngues em Niterói.

Referências:

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

DELEUZE, G.; GATARRI, F. **Mil Platôs**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução: Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

LARROSA, J. A arte da conversa. In: SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Tradução: Giane Lessa. Rio de Janeiro. DP&A. 2003.

MEIRELES, R. M. P. L. Educação bilíngue de alunos surdos: experiências inclusivas na Escola Municipal Paulo Freire/Niterói. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2010.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO C. S. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO C. S. (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. Los sentidos implicados en el estar-juntos de la educación. **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 22, núm. 56, enero-abril, 2010.

_____. Conversar e Conviver com os desconhecidos... In: JÚL, H. A. (Org.) **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011.

_____. **Pedagogias de las diferencias: notas, fragmentos, incertidumbres**. Buenos Aires: Noveduc, 2017.

_____. Elogio à Conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO C. S. (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

Submetido em dezembro de 2018.

Aprovado em maio de 2019.